

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO DE APERFEIÇOAMENTO - PROGRAMA DE FORMAÇÃO
CONTINUADA ESCOLA DA TERRA

JOSELI ALVES FERREIRA
ROSALBA APARECIDA SIMÃO

EDUCAÇÃO DO CAMPO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTEXTUALIZADAS E
REALIDADES DAS ESCOLAS DOS QUILOMBOS DE
CASTRO

Relato de Experiência apresentado ao curso de
Aperfeiçoamento do Programa de Formação
Continuada Escola da Terra da Universidade
Federal da Fronteira Sul - UFFS como
requisito parcial para a conclusão do curso.
Orientador(a): Prof.(a) Maria Isabel Farias

LARANJEIRAS DO SUL
2024

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se investigar e contribuir sobre os saberes e práticas educativas adquiridas através dos tempos como a preservação das sementes crioulas e os saberes dos agricultores familiares, na tentativa de enfrentar situações biopirataria. Aproveitar as práticas de armazenamento de sementes em garra descartáveis para discutir a produção de fungos, bactérias e procurar relacionar com práticas culturais, como rodas d'água existente no meio rural para ensinar à conservação de energia e valorização da troca de sementes que é uma festa realizada nos Quilombos. A Feira das Sementes é um evento que celebra a diversidade genética, a agricultura sustentável e a preservação das tradições locais. Dessa resolvemos adotar as sementes para trabalhar com as Escolas do Campo que atendem os alunos Quilombolas e a comunidade em seu entorno. Essa iniciativa valoriza as sementes como um símbolo de crescimento, diversidade e sustentabilidade. Com isso estabelecemos um ponto de partida para o desenvolvimento do nosso Projeto. Reunimos representantes das Escolas do Campo e os nossos professores e funcionários para apresentarmos e discutirmos o Projeto para que juntos definíssemos estratégias para colocarmos em pratica as estratégias definidas pelo grupo. Entre essas estratégias definimos a visita na Feira das Sementes nas Comunidades de Limitão-Castro e Assungui-Cerro Azul. Com os conhecimentos prévios das Feiras foi realizado um planejamento sobre a importância das sementes e agricultura familiar. Foram desenvolvidas várias atividades e principalmente trabalhos mão na massa. Concluimos que o Projeto já está dando resultados e mudança de postura em relação a valorização da Terra.

EDUCAÇÃO DO CAMPO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E CONTEXTUALIZADAS DAS REALIDADES DAS ESCOLAS DOS QUILOMBOS DE CASTRO.

INTRODUÇÃO

O interesse pela pesquisa surgiu a partir do Inventário da Realidade do Colégio Estadual do Campo Professora Fabiana Pimentel. Nesse Colégio atende-se alunos das escolas do Campo Municipais onde localiza-se os estudantes oriundos dos quilombos e nota-se a falta de interesse pela cultura africana e pela integração com o campo e as práticas de plantio e continuidade com os costumes dos antepassados, as escolas que atendem os alunos quilombolas são caracterizadas das seguintes formas:

A ESCOLA MUNICIPAL DO CAMPO PROFESSOR BENEDITO DE CAMPOS ROQUE LEAL _ Educação Infantil e Ensino Fundamental, está localizada na comunidade de Serra do Apon. Foi fundada no ano de 1935.

A escola procura dar ênfase aos descendentes de quilombolas, onde é mostrada a importância da sua cultura na história da sua comunidade, resgatando seus costumes, sua origem e o modo de vida que levam, e as mudanças que ocorrem no passar do tempo.

A ESCOLA MUNICIPAL DO CAMPO DE SÃO LUIZ DOS MACHADOS – Educação Infantil e Ensino Fundamental, está localizada na comunidade de São Luiz dos Machados, começou suas atividades em 1957 na casa da própria professora Maria de Lourdes Machado de Oliveira. Somente em 1972 que a comunidade ganhou um prédio próprio.

A escola tem como missão oferecer ensino de qualidade proporcionando condições de aprendizagem significativas atualizadas e eficazes com vista à progressão dos estudos e à formação de sujeitos críticos reflexivos e solidários, visando uma sociedade mais justa e igualitária.

A ESCOLA MUNICIPAL DO CAMPO DE TANQUE GRANDE– Educação Infantil e Ensino Fundamental, está localizada na comunidade de Tanque Grande, começou suas atividades no ano de 1945, quando ainda funcionava de maneira improvisada em um galpão do terreno da comunidade, nesta época era mantida por membros da comunidade. E só foi devidamente instalada no ano de 1952.

A escola tem por missão contribuir para a constante melhoria das

condições educacionais da sociedade, visando assegurar uma educação de qualidade aos nossos alunos, num ambiente de responsabilização social e individual, participativo, criativo, inovador e de respeito ao próximo.

Destacamos que não temos escolas quilombolas, são as escolas citas a cima que atendem alunos dos quilombos, os ancestrais dos que habitam as comunidades quilombolas de Castro foram escravizados da Fazenda Capão Alto também no município de Castro e que foi palco d última revolta escrava do Paraná quando a fazenda foi vendida pelos padres Carmelitas que eram os seus proprietários mas que a haviam abandonado um século antes, os escravizados que ali permaneceram livres por tudo àqueles séculos de abandono, auto-organizados como agricultores e criadores de grado, trabalhando para o seu próprio sustento e como servos de Nossa Senhora, resistiram aos novos senhores de forma violenta obrigando a se obter militares em Ponta Grossa e em Curitiba para sufoca-los. Ao se verem derrotados, os que puderem fugiram para as matas no interior do município, e dividiram-se estrategicamente em grupos, na esperança de não serem capturados. Desde então, sobreviveram à própria sorte, sem nenhum tipo de subsídio, resistindo a inúmeras perseguições, humilhações, prisões, assassinatos, discriminação e ameaças, que infelizmente ocorrem até os dias atuais. Para prover o sustento de suas famílias, precisaram trabalhar para outros senhores, em condições análogas a escravidão, muitas vezes trocando muito trabalho por um pouco de alimento no processo de barganha. Com o decorrer dos anos, mesmo em meio a tantas dificuldades, os quilombolas estabeleceram suas moradias nessas localidades rurais que hoje são denominadas quilombolas. Os descendentes hoje vivem em pequenas áreas desses territórios, muitos deles optaram também por buscar melhores condições de vida e trabalho na área urbana do município.

A distância entre a sede do município e a comunidade é de aproximadamente 65 quilômetros. Membros da comunidade cujos ancestrais chegaram há mais de 100 anos contam: “Há tempos atrás nossos antepassados fugiram da fazenda Capão Alto e chegaram até essas terras. Aqui ficaram escondidos para não serem capturados e levados novamente para trabalhar como escravos nas fazendas”. Os quilombolas criam animais cultivam a terra, O cultivo de maior produção é de feijão e milho. As plantas medicinais são cultivadas nos quintais nas roças e o abastecimento de água vem da fonte ou do rio. O cavalo ainda é um dos meios de transporte mais usado pela comunidade.

O artesanato é feito na base de taquara e palha de milho. O padroeiro da comunidade é São João Batista e os moradores contam que as festas do santo estão hoje apresentando um estilo diferente das festas que eram tradicionais da comunidade. “Antigamente a gente fazia a

procissão com a imagem do santo, repartia o pãozinho para todos, daí chegava no rio e lavava o santo que era a simpatia para chover nas lavouras e pra não faltar água pra nós e para os animais. Se tivesse crianças para serem batizadas, também se aproveitava a ocasião. E podia estar o tempo que fosse, no dia seguinte da procissão amanhecia chovendo. Hoje ainda se fazem a mesadas de anjos, e eu acho que as nossas rezas cantadas são umas das mais bonitas que existe”- Relata João Pedro Rodrigues dos Santos, quilombola morador do Limitão.

CRQ COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DA SERRA DO APON

A comunidade está localizada a aproximadamente 65 quilômetros da sede do município e traz como referência geográfica a Serra do Apo e o rio Ribeirão. O abastecimento de água vem de um riacho e ainda há casas com paredes de adobe e piso de terra batida. O cultivo mais importante é o milho e o feijão para consumo. O padroeiro é São Cristóvão mas Nossa Senhora Aparecida, também é venerada, assim como nas demais comunidades, os quilombolas relatam a tradição das orações, “benzimentos”, terço cantados e encontros religiosos que os mais velhos chamavam de “RECOMENDA” que em tempos passados, foi uma das características culturais marcantes da comunidade. “É uma tradição do catolicismo popular no período da Quaresma, caracterizada por orações cantadas em um percurso por casas, igreja e cemitério”, conta Dona Vani, no entanto, afirma que faz a Recomenda até hoje “para as almas irem em paz”.

Uma das principais personalidades da Comunidade, Dona Vani Rodrigues dos Santos, relata com lucidez seus duros anos de repressão, violência e discriminação sofridos pela comunidade. Lembra também de sua infância, quando aos seus nove anos de idade, ele e seus familiares foram sequestrados por paramilitares a mando de fazendeiros, encarregados de assassinar seu pai. Dona Vani, é uma das protagonistas que contribuiu desde o processo de reconhecimento das Comunidades, o qual ocorreu no ano de 2005 (PORTARIA N37, DE 9 SETEMBRO DE 2005 – FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES), e contribui até os dias atuais, sendo uma liderança respeitada por todos.

CRQ COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DO MAMAS

A comunidade localiza-se aproximadamente a 60 quilômetros da sede do município de Castro e também foi formada por escravizados oriundos da Fazenda Capão Alto. A principal referência da formação das comunidades e deu através de dois irmãos. “João e Joaquim”, que na infância eram chamados de “mamãos”, uma referência ao apetite dos nenês ao mamar, pois era o único alimento que a mães tinham a oferecer durante o trabalho na roça. Da alcunha

surgiu o nome da comunidade Mamães que é formada pelas famílias que descendem daqueles dois irmãos. A comunidade está dividida e, vários núcleos, com longas distâncias entre eles, e alguns desses núcleos estão localizados no município de Cerro Azul\PR. A comunidade sofre invasão de fazendeiros e de madeireiros que fazendo o reflorestamento de pinus estão cada vez mais expandindo suas atividades nas áreas pertencentes às comunidades, restando assim um mínimo das terras originais dos quilombolas. Infelizmente essas atividades causam desmatamento da mata nativa e prejudicam o meio ambiente, principalmente trazendo a escassez de água, que é tão importante para o plantio dos grãos que trazem o sustento para as famílias. Todos pertencentes ao município de Castro,

Durante os estudos de aperfeiçoamento na UFFS percebemos quando a educação do campo e suas especificidades são pouco abordadas, o que de certa forma, cria-se uma lacuna em nosso currículo. Geralmente os professores possuem uma bagagem cultural e experiências nas escolas urbanas. Como afirma D' Ambronisio (2008 p.10) “Uma grande dificuldade do processo educacional é que o professor não conhece o ambiente cultural dos estudantes e, portanto, fica difícil reconhecer o que o estudante já sabe e o que é capaz de fazer. (...)”.

Assim sendo, compreendemos a necessidade de estudar sobre Educação do Campo propondo reflexões e práticas que sejam significativas para a criança do campo e quilombolas, proporcionando um ritmo de viver o cotidiano de forma que valorize e esteja vinculada aos seus modos culturais de existir.

Assim, acreditando no potencial dos nossos professores atuantes nas escolas já citadas foi realizado encontros formativos na escola Municipal José Nery Carneiro de Napoli para os professores que lecionam até o 5º ano do Ensino Fundamental I e para o Ensino Fundamental II, Médio e Profissionalizante no Colégio Fabiana por esse motivo julga-se pertinente, dividi-la em etapas.

METODOLOGIA OU DESENVOLVIMENTO

1ª ETAPA: Elaboração do inventário das escolas do Campo.

Com a intenção de motivar os professores, bem como aprofundar as problemáticas centrais levantadas e os eixos que necessitam de especial tratamento no ambiente escolar. Como afirma o caderno Semático da Diversidade, Educação do Campo que devemos buscarmos sentidos aos valores do campo, suas peculiaridades e significados, buscando gerar novas práticas conectadas com a realidade dos estudantes.

Com o documento preparamos uma leitura e reflexão sobre práticas que conhecem a realidade socioeconômica, geográfica, ambiental e cultural da comunidade onde a escola está inserida, para que possam abordar os conteúdos dos Componentes Curriculares de maneira contextualizadas relacionando-os diretamente com as vivências e os desafios enfrentados pelos estudantes. Trata-se de conectar dialogar entre o conhecimento conteúdo entre a vida concreta da escola e entorno dela, como afirma Arroyo, 2024 pag. 81 “A escola tem que ser mais rica, tem que incorporar o saber, a cultura, o conhecimento socialmente construído”.

No primeiro encontro com as Escolas do Campo já destacadas elaboramos um convite com o tema de Sementes. Com o objetivo de refletir sobre a Educação do Campo e a Quilombola no ambiente escolar, apresentando os eixos temáticos, procurando construir coletivamente o inventário da realidade de cada escola. Iniciamos com a mística da semente que abordava o plantio das sementes em diversos solos durante a caminhada do dia-a-dia. Discutimos e refletimos sobre a mesma fazendo um paralelo com as Diretrizes da Educação do Campo e o parecer 08|2024. Trabalhamos em grupo e cada um ficou com um eixo para analisar, refletir e questionar se isso acontece em sua comunidade. Com o debate percebemos que estamos longe do que as Diretrizes propõe. Essa reflexão foi feita por todos em uma perspectiva de mudança para novos encontros no processo de desenvolvimento do projeto Educação do Campo. Iniciamos o quadro da compreensão da realidade de cada escola, com o entendimento de levarem para suas escolas e acrescentarem o que os demais membros da comunidade acharem pertinente. O próximo encontro já está marcado para o mês de Setembro com a seguinte pauta: Planejamento Coletivo com as Escolas que atendem alunos Quilombolas, envolvendo a temática das sementes em todos os componentes curriculares, proporcionando conhecimento e prática. Procurando envolver todos os Componentes Curriculares.

Exemplo:

Componente Curricular: Matemática

- Unidades de medidas de capacidade
- Sistema Monetário

O ponto que mais se destacou na problematização do inventário foi a falta de valorização da terra, muitos vendem para saírem trabalhar nas cidades assalariadas. Sendo dessa forma apoiamos o dialogo entre o conhecimento científico com a vida concreta e seu entorno.

Como destaca o autor Arroyo, 2024 p.83 “...é que os próprios saberes escolares têm que estar redefinidos, tem que vincular-se as matrizes culturais do campo, dos novos sujeitos culturais que o movimento social recria. E por aí que a gente avança...” Acredita-se que esse seja o caminho conectar o conhecimento científico como da vida e do entorno onde mora seja o caminho para o entendimento de ter uma terra e fazer com que ela produza e possa ter uma vida sustentável, buscando as parcerias com financiamentos e associações para buscar recursos para essas ações que fortalece o vínculo com a terra e tornam-se camponeses comprometidos com sabedoria para prosperar financeiramente e culturalmente.

2ª ETAPA: Aplicar o planejamento sobre as sementes plantando e valorizando o espaço onde vivo

Nesta etapa dirigimo-nos a cada instituição de ensino para trabalhar com as sementes e a possível semeadura e troca trazidas pelos alunos e professores envolvendo os componentes Curriculares. Como destaca o autor Arroyo, 2024 p. 82 “Um projeto de Educação do Campo tem que incorporar uma visão mais rica do conhecimento e da cultura uma visão mais digna do campo, o que será possível se situarmos a educação, o conhecimento, a ciência, a tecnologia, a cultura como direitos e as crianças e jovens, os homens e mulheres do campo como sujeitos desses direitos.”

Partindo dessa visão é nosso compromisso enquanto cursista do curso da Terra implementar o inventário das escolas do Campo e práticas que conectem com os conteúdos e dialoguem com os mesmos entre o conhecimento e a vida concreta da escola, seu entorno e a relação do campo com a cidade, visto que as escolas atendem alunos dos quilombos unimos as sementes como o primeiro passo para a ampliação do conhecimento e fazendo relação campo e cultura usando as sementes, cantorias e danças da cultura africana com a finalidade de atingir os nossos objetivo de ampliar o compartilhamento das sementes e a cultura Africana, compartilhando vivências inserindo esses conhecimentos nas escolas que atende alunos dos quilombos já citadas.

Desta forma, optamos pelas visitas em Feira das Sementes entender qual a relevância de sua aplicabilidade na prática do campo educacional. Que seguiu o seguinte cronograma: conforme a foto a seguir e pretendemos dar continuidade nessas visitas e compartilhamento para enriquecer nosso acervo de sementes e conhecimentos culturais abordados nas feiras.

27/07/2024 Feira da Semente: Açungui/Rio Branco do Sul.



03/08/2024 Limitão/Castro

Pretendemos com as visitas entender como acontece a troca e quais são as sementes, valores e armazenagens. Espera-se posteriormente aplicar nas escolas esse intercâmbio de trocas de sementes com a intuição de formar alunos responsáveis apaixonados pela natureza, sua produção, e posteriormente valorizem suas terras e passem a serem camponeses conscientes.

A visita realizada na feira do Açungui confirmou também a mesma preocupação do nosso colégio, onde os alunos da vila estudam até quinze anos e vai embora para as cidades a busca de trabalho ou estudo de Ensino Superior e não dão sucessão familiar, temática relatada pelo programa do Globo Rural em uma série de reportagens, que os jovens não dão continuidade nos trabalhos dos pais, cabendo a nós professores propor ações como a da Feira da Semente para mudar a realidade incentivando nossos estudantes conhecer e dar valor pelo espaço onde vivem.

A associação educativa da comunidade rural do Açungui Rio Branco do Sul tem a mesma preocupação de como resgatar o interesse pela propriedade rural, e segue com a proposta de inserir as sementes crioulas como fonte de renda, articulando com a agroecologia. Antunes Rocha 2012 página 189 afirma que "... os estudantes passam a considerar-se responsáveis pelo desenvolvimento local, imponderados pela capacidade educacional adquirida na formação e estimulados a formular projetos inovadores que intervenham na realidade de forma coerente com o meio em que vivem. Essa ação da juventude como resultado da formação educacional inscreve a educação como uma política de desenvolvimento rural que associa valores funcionais aos jovens, inserindo-os

participativamente nessa política. ” Esperamos que com o compartilhamento das ações realizadas nas feiras e conectadas com os conhecimentos científicos nas salas de aulas possamos inovar a realidade local.



Figura 1: Feira das Sementes realizada no Açungui, arquivo do colégio

A Festa Feira das Sementes Crioulas como sabemos é uma mobilização social que ocorre diversos territórios do Paraná, envolvendo agricultores familiares, comunidades Quilombolas e comunidades Indígenas. Nós tivemos a oportunidade de participar de duas dessas Feiras no Açungui e Limitão, lá pudemos observar ações que buscam o fortalecimento social, a vida como princípio e um espaço e um espaço dialógico para ações de conservação e multiplicação da agrobiodiversidade. A Rede Sementes da Agroecologia (Resa) estava presente promovendo reflexão sobre a produção de alimentos e a conservação das sementes crioulas. Notamos que as sementes são reconhecidas como base da nossa sobrevivência e a solução para uma alimentação saudável. Interessante foi observar os guardiões e guardiãs que se reconhecem e se fortalecem no cuidado das sementes. Podemos afirmar com toda certeza que é uma festa entre o campo e a cidade. Concluímos que a Feira das Sementes é semear vida abundante para as pessoas, sejam elas da cidade ou do campo. Cuidando da Terra, por meio de preservar a diversidade e resgatar os povos camponeses, tradicionais e originários, a beleza de plantar, cuidar e partilhar as sementes. Com a mística da partilha ocorreu uma benção sobre as sementes e firmação de acordo; eu levo as sementes hoje, e retorno com os frutos e sementes para partilhar na próxima feira. E assim, cada pessoa pegou suas sementes com a missão de cuidar, colher e partilhar.



Figura 2: Foto da Feira das Sementes no Limitão, arquivo do colégio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já estamos colhendo as sementes. Alguns professores já estão desenvolvendo trabalhos com seus alunos, enfatizando nos seus componentes e relação com a realidade que contribuíram para o inventário do colégio, já realizaram várias pesquisas para completar o quadro do inventário.

Acreditamos que é preciso verificar o andamento do processo de cuidado até a colheita das plantas verificando e motivando o envolvimento dos alunos, somando os sentimentos, preocupações e ideias que sejam significativas para todos os envolvidos no processo.

Esperamos que este trabalho renda discussões, a fim de contemplar a terra onde vive como espaço de produção/sustentabilidade e progresso com compromisso aproveitando a vida que o espaço do campo possibilita.

Na trajetória do trabalho, foram evidenciados aspectos importantes para que se efetive a Educação do Campo nas práticas diárias da comunidade escolar. Concluímos que os conhecimentos a serem trabalhados sejam construídos coletivamente no ambiente escolar e fora dele. Também que mais que formação, é necessária força de vontade para fazer a conexão dos conhecimentos locais com os globais.

Para romper com as barreiras e ir além dos muros da escola, é necessário adotar um trabalho coletivo envolvendo toda a comunidade escolar, pois de um trabalho conjunto se

extrai os fundamentos teóricos e análises das situações práticas e locais para poder produzir novos significados para a Educação do Campo e os quilombos do nosso município.

Acreditamos que os caminhos desse fazeres coletivos, estão ligados à superação de desafios presentes na Educação do Campo, no sentido que cada membro da equipe, enquanto atinge seus próprios objetivos, colabore para que os outros atinjam os seus. Assim, reforça-se a ideia de que “um individuo muda o grupo, o grupo muda a organização e a organização muda à sociedade” (FIALHO, 2003 p.12).

Cabe à gestão escolar proporcionar ações que venham a contribuir para que o trabalho coletivo aconteça, tendo em vista que o coletivo envolve todas as instâncias do campo. A escola é lugar de formação de cidadãos, nessa perspectiva, espera-se que ela promova as mudanças necessárias, no sentido de conscientização da importância de valorizar o que é seu.

Sabemos que se trata de um processo que se dará de médio a longo prazo, portanto é necessário que a escola esteja realmente comprometida, aberta ao diálogo, ao compartilhamento de atitudes e de modos de agir, só assim ela será capaz de formar sujeitos conscientes do seu poder de transformação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARROYO, Roseli Salete Caldarr, Mônica Catagna Molina – Petrópolis, Rj; dozes, 2004.

ANTUNES, Rocha, Maria Izabel, Territórios Educativos do Campo: Escola, Comunidade e Movimentos Sociais\ Editora Gutemberg. 2012.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. Revista@prenderVirtual. Edição nº 8. Ano 2 nº05/2002. Ambronisio (2008 p.10)